

# BINARISMO EM FOCO: A DUALIDADE NOS CORDEIS “JUVENAL E O DRAGÃO” E “A MOÇA QUE VIROU COBRA”

## *BINARISM IN FOCUS: DUALITY IN THE CORDEIS “JUVENAL E O DRAGÃO” AND “A GAROTA QUE VIROU COBRA”*

Deyvid de Oliveira Pereira **1**

**Resumo:** As histórias populares circuladas em formas de folhetins e cordéis no século XIX apresentam consigo uma funcionalidade didática típica do barroco: a dualidade entre bem e mal e que carrega consigo as temáticas entre sagrado e profano típica da literatura influenciada pela visão religiosa catolicista. As “histórias de Juvenal e o Dragão”, de João Athayde e “A Moça que Virou Cobra”, de Severino Gonçalves seguem, portanto, este padrão que relaciona uma didática primada em valores socialmente aceitos e respeitados, ou seja, observando-se os benefícios àqueles que são honesto, como é o caso de Juvenal, e herege, como é o caso da moça que virou cobra. Assim sendo, o presente trabalho intenta apresentar uma análise das duas obras citadas, apontando para o valor de ensinamento presente nos contos populares.

**Palavras-chave:** Literatura. Narrativa oral. Literatura de cordel.

**Abstract:** popular stories circulated in the form of serials and strings in the 19th century present with them a didactic functionality typical of the Baroque: the duality between good and evil and which carries with it the themes between sacred and profane typical of literature influenced by the Catholic religious vision. The “stories of Juvenal and the Dragon”, by João Athayde and “A Moça que Virou Cobra”, by Severino Gonçalves, therefore, follow this pattern that relates a didactic based on socially accepted and respected values, that is, observing the benefits to those who are honest, as is the case of Juvenal, and heretical, as is the case of the girl who became a snake. Therefore, the present work attempts to present an analysis of the two works mentioned, pointing to the teaching value present in popular tales.

**Keywords:** Literature. Oral narrative. Cordel literature.

---

**1** Professor graduado em Letras e Respektivas Literaturas, pela Universidade Federal do Tocantins e mestre em Letras, com ênfase em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é professor da Rede estadual de Ensino do Tocantins. Lattes : <http://lattes.cnpq.br/8160157282697880> e ORCID <https://orcid.org/0009-0009-0401-8797>. E-mail: [deyvidpereira@professor.to.gov.br](mailto:deyvidpereira@professor.to.gov.br)

A dualidade é, certamente, uma ocorrência que sempre permeou a literatura, seja ela dita erudita ou popular. Se nos ocupássemos, nesse trabalho, em apresentar as obras que trazem, em seu conteúdo, uma abordagem dual e binária, acabaríamos ocupando uma quantidade significativa de páginas, afinal, desde o momento de surgimento da literatura nacional, isso pensando a literatura brasileira sob a perspectiva de Afrânio Coutinho (1986), que considera o surgimento da literatura brasileira com as produções quinhentistas de Padre Anchieta e outros colonizadores, até a contemporaneidade, assuntos duais sempre ocuparam espaço nas obras que melhor representam as escolas vividas no país. No Brasil do século XVII, por exemplo, vemos os ideais barrocos trazendo, nos versos de um Gregório de Matos, a inconsistência do homem no que tange à instável relação e entre fé e razão; no Arcadismo, por sua vez, seguindo o percurso cronológico dado pela historiografia literária nacional, vemos a obra “Marília de Dirceu”, de Tomás Antônio Gonzaga, estabelecendo um antagonismo entre os valores cristãos estoicistas e o primado epicurista do *Carpe Diem*; no Romantismo essa relação antitética será estabelecida de outra forma, em especial a partir das visões opostas, mas dependentes uma da outra, entre vida e morte.

Assim como na literatura erudita, na literatura popular em verso do sertão brasileiro, em especial o nordestino, temos, de forma frequente, o uso de relações antitéticas e duais para se explicar um dado acontecimento ou fato. Em geral, voltado para o binarismo bem vs mal, os cordéis brasileiros recorrem à dualidade como o objetivo de intensificar o valor didático concernente aos folhetos. Sob fins moralizantes e de cunho educativo, são criados enredos em que a tensão da narrativa se dá a partir do embate, seja físico ou ideológico, de duas personagens contrárias, uma cujas ações caracterizam-na como boa ou ruim, outro marcado pela alegoria do mal. O inexorável vencimento do lado justo, bom, mesmo quando o percurso para tal fim tenha sido árduo, remete os leitores à certa vitória do bem e ao virtuoso caminho da justiça. Tal interpretação justificaria o didatismo do cordel.

Contudo, apesar de a dualidade representada nos cordéis possuírem uma insurgente e intencional manifestação, sua recorrência tende a retratar, além dos valores morais de um dado grupo, uma característica crucial da oralidade: o poder da palavra. Os enredos de alguns romances em cordel tendem a demonstrar, nessa relação binária entre bem e mal, que a construção do vil se dá a partir do ato da fala e a imanência do bem estabelece-se por via da silenciosa comunicação consigo mesmo e com o místico que o cerca. Exemplo de folhetos a ser citado: “Juvenal e o Dragão” e “A Moça que Virou Cobra”, obras que serão, nos parágrafos seguinte, objeto de nossa análise.

## **Juvenal e o Dragão: como se constrói um herói e um vilão? João Martins de Athayde: vida e obra**

Como se é de habitual em descrições de autores, iniciar pela data parece ser um método costumeiro. Contudo, ao abordarmos a data de nascimento de João Martins de Athayde, autor de “Juvenal e o Dragão”, nos deparamos com um problema: a preocupação com os registros de nascimento na cultura popular do nordeste brasileiro não parecia ser uma prática na segunda metade do século XIX. Diante dessa problemática, não se sabe, ao certo, o dia em que nascera João de Athayde. Os dias e anos variam, respectivamente, entre 23 e 24 de Julho de 1877, 1878 e 1880. Como opção para a definição da data, optamos pelo dia registrado no folheto intitulado “Vida, profissão e morte de João Martins de Athayde”, de Minelvino Francisco Silva. O cordelista escreve:

“A 24 de julho 1880  
João Athayde nasceu  
No estado da Paraíba  
Onde era o berço seu,  
Cachoeira de Cebola  
Conforme Deus concedeu.”

Filho de Belchior Martins de Lima, pequeno agricultor de Ingá, e dona Antônia Lima de Athayde, João de Athayde na vila Cachoeira de Cebola, hoje Itaituba, no município de Ingá, no

Estado da Paraíba. Quando ainda é pequeno, João de Athayde perde sua mãe e seu pai casa-se, então, com outra mulher, que cuidará dos enteados de forma duvidosa. Consta, entre uma das histórias acerca da infância de João de Athayde que ele, sem comer durante todo o dia em virtude de sua madrastra ter-lhe negado alimentação, tivera um desmaio.

Estigmatizado com uma infância marcada por sofrimento e pela intensa curiosidade em aprender a ler e escrever, João de Athayde, por motivos desconhecidos, resolve mudar-se para Recife, onde trabalharia no comércio de um amigo. Na cidade grande, o cordelista é alfabetizado e começa a produzir cordéis. Com o tempo, cria sua própria produtora de folhetos, uma microempresa que abastecia várias cidades da Paraíba e de Pernambuco.

Para que possamos entender e significar o grau de importância e estruturação da oficina de produção de folhetos de João de Athayde, recorreremos à fala de Sofia Cavalcante, esposa do cordelista. Em entrevista, quando questionada sobre como conheceu seu então marido, Sofia conta que o contato com Athayde se deu por via da relação patrão e funcionário estabelecido na oficina. Ao testemunhar o encontro com João de Athayde, Sofia nos apresenta uma oficina cuja produção era significativa.

Em virtude da quantidade de folhetos impressos e produzidos, bem como a abrangência dos mesmos, isso considerando os limites geográficos, torna-se difícil afirmar, ao certo, a quantidade de folheto produzido por João Martins de Athayde. Entretanto, em meio às incertezas no que concerne à quantidade de obras produzidas por Athayde, uma outra questão surge de forma latente: trata-se da autoria do romance “Juvenal e o Dragão”. Nas capas deste cordel aparece o seguinte texto: “JOÃO MARTINS DE ATHAYDE. Proprietários: filhas de José Bernardes da Silva”, como podemos evidenciar na figura abaixo:

**Imagem 1.** capa de livro indicando os proprietários do cordel



**Fonte:** SANTOS (1997).

Como se sabe, os autores de cordéis, no fim do século XIX e metade do século XX, não se importavam em afixar seu nome à obra: esta é de domínio público e acessível à comunidade popular. Esse é o caso do romance “Juvenal e o Dragão”, cordel cujo direitos autorais, então de José Martins de Athayde, são vendidos aos herdeiros de José Bernardes da Silva.

## Juvenal e o Dragão: métrica e estrutura

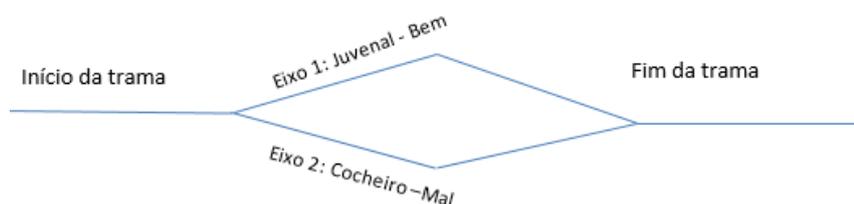
Assim como se é usual nas produções populares em verso no nordeste brasileiro, o folheto “Juvenal e o Dragão” possui versos heptassílabos, ou redondilha maior, organizados em sextilhas. As rimas seguem o esquema métrico ABCBDB com rimas alternadas entre pobres e ricas. Exemplifiquemos com duas estrofes.

Quem ler essa história **toda A**  
 Do jeito que foi passada **B**  
 Verá logo que o falso **vil C**      rima de adjetivo com adverbio

Nunca nos serviu de **nada B**  
 A honra e a fidelidade **D** rima de advérbio com verbo  
 Sempre são recompensadas **B**  
 ...  
 Paremos aqui **leitor, A**  
 Deixemos isso pr'a **frente, B**  
 Vamos saber como **passa C** Rima - advérbio com adjetivo  
 A princesinha **doente B**  
 Seu pai estava **ficando D** Rima - adjetivo com adjetivo rica com rima pobre  
 Severo e muito **exigente. B**

No que concerne à estruturação, o romance em “Juvenal e o Dragão” apresenta uma estrutura narrativa incomum na medida em que desvia da singularidade existente nos contos populares. Provavelmente influenciada pela lenda de São Jorge, espera-se, na leitura de “Juvenal e o Dragão”, encontrar uma narrativa cujo fim se dá, exatamente, com a morte do ser mitológico e o conseqüente advento do herói. Contudo, no romance aqui analisado, este esquema internalizado na cultura popular é rompido e a história, que deveria findar-se com o fim do monstro, tem continuidade. Será a partir dessa continuidade, enfim, que veremos emergir dois eixos narrativos, cujos núcleos são contrários entre si: de um lado, termos o núcleo do Juvenal, representando a justiça e o bem; do outro, por sua vez, teremos o núcleo do Cocheiro, entendido aqui como eixo corresponder à traição e ao mal. Exemplifiquemos a estrutura narrativa com o seguinte esquema:

**Imagem 2:** esquema de progressão narrativa do cordel



**Fonte:** elaborado pelo autor, 2017.

A divisão da trama em dois eixos narrativos se dará a partir da estrofe 60 a 65, O extermínio do mal demoníaco, representado pela morte do dragão, e a sequencial negação de Juvenal em gozar os benefícios de ter salvado a princesa, iniciará, na obra, um processo de separação do núcleo principal em duas ramificações contrárias entre si e que teria, como representantes, a figura de Juvenal e do Cocheiro. O primeiro, por conta de um compromisso pouco elucidado pelo romance, continua sua caminhada em busca do “bem e do mal” e afirma, ainda, que só poderia reencontrar a princesa depois de 3 anos. O segundo, por sua vez, vendo na negação do herói uma possibilidade de se beneficiar, imprime em sua conduta um aspecto vil e oportunista.

Temos, assim, estabelecido, na própria organização do romance “Juvenal e o Dragão”, uma posição binária que se apresenta, explicitamente, por meio da recorrência dos fatores determinantes em cada polo, a saber, a justiça e honradez pertinente ao núcleo do bem e a traição como característica base para o lado do mal. O núcleo concernente a Juvenal se contrastará ao eixo pertencente ao Cocheiro, esmiuçando, por essa forma, as particularidades de cada lado. Nessas particularidades, os valores de formação heroica serão expostos e defrontados: na esfera do bem, o herói se formará por via de sacrifício, determinação, honra e lealdade; no núcleo do mal, a consumação do herói se dará por outros métodos, em geral fomentados pela manipulação da verdade e do discurso.

## Antagonismo justo e injusto: a formação de um herói.

Como se faz evidente, o foco central do folheto parece habitar na tensão antitética entre o justo e injusto, bem e mal. A análise da estrutura do romance “Juvenal e o Dragão” já nos aponta para essa questão na medida em vemos emergir dois núcleos narrativos distintos: o lado bom e justo representado pelo núcleo de Juvenal e o lado mal e vil, evidente no eixo correspondente ao Cocheiro. Contudo, apesar de tal dualidade ser expandida, inclusive, para a estrutura do romance, sua intencionalidade parece transcender a simples significação e interpretação das posições aqui abordadas. Ao separar a narrativa em dois eixos, o autor abre espaço para que conheçamos os amiúdes de cada personagem principal e, por consequência, que presenciemos, pelo acompanhamento das ações dos envolvidos, a construção mítica do herói contrastando-se com a falsa consagração heroica dada a partir de um discurso manipulador do Cocheiro.

Ao nos debruçarmos, por exemplo, sobre as histórias concernente ao núcleo narrativo de Juvenal, algumas questões insistem em se formular: 1) por que Juvenal não aceitou, assim que matara o Dragão, a oferta da princesa?; 2) por que não foi, imediatamente, para o reino de sua amada?; 3) por que só poderia rever a princesa dali a 3 anos?. Essas indagações tornam-se fortes, sobretudo, a partir da estrofe 61. Leiamo-la:

Disse ele: eu nada quero  
Do benefício que fiz  
Desejo que sua alteza  
Siga em paz, seja feliz  
Vou vê-la de hoje a 03 anos  
Na capital do país.

Ao afirmar que não seguirá caminho com a princesa, mas que a verá em três anos, o discurso de Juvenal deixa-nos uma abertura de interpretação. O que ele iria fazer durante esse período? Por que teriam que ser extados 3 meses? A resposta para essas perguntas estaria, talvez, no início do folheto, na estrofe 05, momento em que o personagem é apresentado aos leitores.

Ficou ela na choupana  
Cumprindo a sina fatal  
O nome dala era Sofia  
O dele era Juvenal  
Que pensava em aventura  
Atrás do bem e do mal.

Conforme se faz notar este trecho do folheto há uma associação da figura de Juvenal à de um homem ansioso por aventura e destinado a experimentar os limites do bem e do mal. Esse aspecto aventureiro dado a Juvenal ganhará características de uma sina épica a ser cumprida nas estrofes sequenciais, momento em um homem, de procedência desconhecida, oferece, em troca de 03 ovelhas, três cães mágicos. O aspecto místico circundante nessa troca, associada à determinação de Juvenal em desbravar o desconhecido, nos leva, por fim, a considerar que o personagem iniciara uma espécie de preparação heroica. Isso justificaria, dessa forma, a negação das propostas feitas pela princesa.

Apesar de não deixar explícito nenhuma referência extada a respeito de uma sina a ser cumprida por Juvenal, o discurso do personagem, no qual ele salienta sua ansiosa busca por aventuras, sustenta a hipótese de que o período de 03 anos ausente da princesa seria um momento de preparação estoica de si mesmo. Tal leitura ganha fundamentação mais adequada nas estrofes finais do romance “Juvenal e o Dragão”, momento em que os cães, vendo que Juvenal não se deixara envolver pelo encantamento da riqueza, julgam-no preparado e transformam-se, por fim, em três pássaros. Vejamos:

Quando os cães viram a menina  
Ficaram de prontidão  
E disseram a Juvenal:

Está findada a nossa missão  
Queríamos ver se a riqueza  
Mudava teu coração.

Os cães eram encantados  
Não podiam ter demora  
Se transformaram e 3 pássaros  
Alvos da cor da aurora  
Dissera: adeus, Juvenal  
Voaram e foram embora.

A partir da leitura dos trechos acima, podemos encontrar pontos que afirmam o cumprimento de uma sina dada a Juvenal. Ao verem que Juvenal não deixou que a riqueza o mudasse, os cães despedem-se afirmando: “está findada nossa missão”. Nesta fala encontramos, por fim, a funcionalidade dos animais mágicos, que seria acompanhar a saga de Juvenal ao passo que prepará-lo para a ascensão como herói. Mas que ascensão seria essa?

Ao questionarmos o advento heroico de Juvenal e refletirmos sobre a própria estruturação do folheto, encontraríamos, talvez, uma resposta que desse conta do fato de a estória de Juvenal e o Dragão não terminar com a morte do monstro mitológico, fim comum nas narrativas fundamentadas no mito de São Jorge. João Martins de Athayde poderia ter findado a narração de Juvenal e o Dragão já com o apogeu do corajoso herói, que venceu o monstro e salvou a princesa inocente. Contudo, os benefícios de tal ação são postergados, dando à riqueza uma característica outra, que não o símbolo de vitória. Ela seria uma espécie de provação final, o cumprimento último de uma trajetória, cuja batalha se dá consigo mesmo. Ao ver que Juvenal lembrara-se de sua irmã, os cães mágicos notam que o poder não promovera mudança no caráter de Juvenal e que ele, por isso, seria merecedor de tais gozos.

A riqueza, entendida como consequência inexorável dos atos heroicos, mas que, entretanto, possui seu ônus, encantará o Cocheiro a partir do memento em que este vê Juvenal negando a proposta da princesa. Como consequência, o Cocheiro resolve, por meio do discurso falso, trazer, para si, o reconhecimento de herói, acuando a princesa e forçando-a a afirmar o seu falso heroísmo. Isso será evidente, sobretudo, na estrofe 72.

lam passando uma ponte  
O Cocheiro disse assim:  
O fulano não precisa  
Arrume isso p’ra mim  
Se a senhora não fizer  
Aqui mesmo dou-lhe o fim

Após coagir a princesa, o Cocheiro, por meio de uma falsa história, ocupa o posto de salvador e torna-se, aos olhos do povo e do rei, um herói. Por consequência ao heroísmo, o personagem regozija-se de benefícios, tornando-se “ fidalgo da alta aristocracia” e ganhando, também, a mão da princesa em casamento.

Assim, com base no comportamento vil do Cocheiro, percebemos que a sua ascensão enquanto herói difere-se, em muito, do padrão de Juvenal. Diferente deste, o Cocheiro se utiliza do discurso, da persuasão, para tornar-se digno dos poderes advindos com a coragem. O caminho para se formar um vilão, mas que ao público é herói, se passa, necessariamente, pelo uso mal intencionado da palavra, palavra esta que tem força e cala, por exemplo, a princesa devido a um ato de jura.

Ao confrontarmos a construção de ambos tipos de construção heroica e levarmos em consideração o binarismo bom e mal estabelecido no enredo do romance, percebemos, como uma mensagem de cunho moralizante, o enaltecimento da preparação e da busca pelo equilíbrio e humanidade. A aventura vivida por Juvenal, em busca do bem e do mal, induz-nos a considerar este processo de preparação como momento intimamente e solitariamente vivido, haja vista que o próprio texto silencia-se nesse aspecto e decide apresentar-nos, apenas, a visão de Juvenal perante

sua busca. A apresentação de si para o mundo é, dessa forma, uma consequência do processo de autoconhecimento filosófico, ideológico e moral, marcas da humanização.

No que concerne à produção vil, por sua vez, a construção da falsa humanidade se dá pela manipulação traiçoeira do discurso. Será pela palavra que o Cocheiro, então na qualidade de monstro, se apresentará à comunidade como salvador. Contudo, o poder da palavra, dependendo da forma como é usada, confere consequências talvez indesejadas. No caso do Cocheiro, vimos que ela cumpriu um papel fundamental na visibilidade do personagem, entretanto, em narrativas como “A moça que virou cobra”, o discurso, que até o momento foi visto como facilitador, ressoa na forma de punição.

## A Moça que Virou Cobra:

Seguindo uma ordem de discussões sobre os cordéis, iniciaremos a abordagem do folheto “A moça que virou cobra” a partir da biografia do autor. Contudo, apesar de essa parte apresentar, em sua maioria, dados exatos e confirmados sobre a vida do autor, acabaremos nos reportando à autoria de forma simplificada, levando em consideração as poucas informações obtidas. As pesquisas realizadas sobre a vida e obra de Severino Gonçalves acabou nos oferecendo pouco material biográfico sobre o cordelista. Os dados obtidos dizem respeito, apenas, a alguns fatos, a saber:

- Produzia suas próprias xilogravuras, sendo um dos pioneiros na década de 40;
- Morreu, assassinado, na cidade de Gravatá, em Pernambuco.
- Dentre as suas produções, constam: A eleição do diabo e a posse de Lampião no inferno, A moça que virou cobra, A profecia da garça misteriosa, A vitória do Príncipe no reino do pensamento, Alfredo e Julinha, As perguntas do rei e as respostas de Camões e o valente Cascadura e o Mendonça do Pará.

No que diz respeito à forma, o folheto “A moça que virou cobra” possui versos hepitassílabos, redondilha maior, organizados em setilhas. Possui, também, o esquema de rima ABCBDDDB, com alternâncias de rimas pobres e ricas, conforme podemos observar abaixo.

Leitores no Ceará **A**  
A 21 de Janeiro **B**  
Deu-se um exemplo assombroso **C**  
Com a filha dum fazendeiro **B**  
Jesus Cristo a castigou **D**  
Porque ela profanou **D**  
Do Padre de Juazeiro. **B**

Faz horror se ouvir falar **A**  
O exemplo que se deu **B**  
Quem zomba do meu padrinho **C**  
É triste o futuro seu **B**  
Eu como sou muito ativo **D**  
Não zombo de quem está vivo **D**  
Quanto mais de quem morreu **B**

O folheto “A moça que virou cobra” conta a história de uma moça que não acreditava em Deus, em Nossa senhora e em Padre Cícero. Em sua descrença, ela afrontava os fiéis romeiros, profanando palavras depreciadoras da imagem popular de Padre Cícero. Como castigo, a Moça torna-se uma serpente, e começa a vagar pelas ruas. Sua redenção se dá, apenas, com o arrependimento, com a confissão e, sobretudo, com a aceitação do poder de Padre Cícero.

Estruturado em forma de romance, o cordel “A moça que virou cobra”, assim como “Juvenal e o Dragão”, organizará seu enredo a partir de uma construção de dois grupos ideológicos distintos,

que se contrapõem em discurso: de um lado, o mundo da fé, da aceitação resignada dos caprichos divinos; do outro o lugar do questionador, do herege, do blasfemador. Os dois grupos ideológicos evidenciados no cordel serão representados, respectivamente, pelo Romeiro, Mãe, Frei Damião e pela Moça.

Seria certo afirmar, considerando a existência de grupos ideológicos no cordel analisado, que o ponto de tensão do folheto habita na negação, feita pela moça, dos valores morais e religiosos em detrimento de uma conduta humana pautada pela descrença. Entretanto, a descrença da moça não será o catalizador para o seu castigo. O que a levará a se transformar em cobra será o afrontamento exercido pela palavra profanadora, conforme já nos anuncia o cordel em sua primeira estrofe.

Leitores do Ceará  
A 21 de Janeiro  
Deu-se um exemplo assombroso  
Com a filha dum fazendeiro  
Jesus Cristo a Castigou  
Porque ela profanou  
Do Padre de Juazeiro.

Ao iniciar o folheto já introduzindo o assunto a ser tratado, o autor antecipa a narrativa para apontar e justificar que tudo o que acontecerá com a moça é consequência de sua profanação. Se ela, mesmo não crendo, não se manifestasse, certamente não recairia sobre si um castigo tão duro. Para que possamos provar tal afirmativa, basta recorrermos ao discurso ideologicamente diferenciado, mas ousadamente atrevido da Moça. A partir da 6ª estrofe, com ar de soberbia, veremos na fala da Moça uma ofensiva e depreciativa manifestação de repúdio à crença cristã, em especial à figura de Padre Cícero. As profanações terão auge maior nas estrofes 11 e 12, conforme podemos ver abaixo.

Só creio no padre Cícero  
Quando ele me castigar  
Fizer eu cair as pernas  
Meus braços se deslocar  
Criar ponta e nascer dente  
Corre virada em serpente  
Mordendo quem encontrar.

Quando eu andar feito cobra  
Com o bucho pelo chão  
Os dentes como uns espetos  
A cauda como um dragão  
Os olhos encarnados e feios  
Dai em diante eu creio  
No padre Cícero Romão.

A partir das falas acima expostas, inicia-se, por fim, o processo de punição, que, ironicamente, irá utilizar a fala da moça para justificar a sua futura transformação em serpente. Todavia, apesar de haver uma influência religiosa no exercício punitivo da metamorfose, o castigo à moça não será causado pela sua descrença no Padre Cícero e sim pelo fato de ter-lhe profanado. A estrofe sequencial justifica essa afirmação.

A mãe dela reclamou  
Filha não diga isto não  
Quem profanar de padrinho  
É pior do que o cão  
Chega a hora de morrer

Jesus não quer nem lhe ver  
No trono da salvação.

Tem-se, enfim, a metamorfose da moça em cobra. Esta, antes na qualidade de “gentil menina”, torna-se o monstro por causa de sua “língua felina”. A redenção, por sua vez, teria quer ser feita por meio do arrependimento sincero e da purificação espiritual, esta alcançada por sacrifícios individuais. Isso será evidenciado, sobretudo, nas estrofes 26 e 27, do folheto, momento em que a moça reconhece o seu erro e age como exemplo aos demais. Exemplifiquemos com o testemunho dado pela moça que virou cobra.

Triste o Cristão no mundo  
Que fala da vida alheia  
Termina assim como eu  
Leprenta cascuda e feia  
Vagando no mundo à toa  
É infeliz a pessoa  
Que Jesus Cristo odeia.

Quando eu zombei de padrinho  
Era uma gentil menina  
Porem Deus me castigou  
Ando cumprindo uma sina  
Virada numa serpente  
Culpa disso somente  
De minha língua felina.

A partir do testemunho acima apresentado, podemos acusar, ainda mais, que a transformação da moça em cobra comporta-se, sobretudo, como consequência da fala proferida. Ao dizer “quando eu zombei de padrinho/ era uma gentil menina” o folheto nos apresenta um modelo político de punição no qual nenhum fator atenuante, nem mesmo o pueril aspecto da criança, é capaz de amenizar a situação. As consequências da palavra serão recaídas sobre a moça e esta, por fim, reconhece o seu atual estado como consequência de suas profanações. Isso será evidente, principalmente, com os fragmentos “culpa disto somente/ foi minha língua felina”.

Contudo, apesar de a palavra proferida cumprir um papel importante na narrativa aqui abordada, seu poder perde eficácia na medida em que o processo de re-humanização pretendido pela moça se inicia. Diferente da transformação em animal, no qual bastou, apenas, a profanação para que se culminasse no castigo, o poder da palavra não conseguirá reconduzir a moça à qualidade de humana. A caminhada de volta a tal condição parece exigir, antes, uma constante sobreposição do sagrado sobre o mundano, como se, para ser considerado humano, o aspecto místico devesse comportar um papel significativo. Na 03 estrofe do folheto podemos evidenciar tal fato.

Aconteceu este exemplo  
Por causa de um romeiro  
Que tinha uma devoção  
Feita com um Deus verdadeiro  
Por ter coração humano  
la três vezes por ano  
Visitar o Juazeiro

Conforme se faz notar no fragmento acima, pressupõe-se que a existência de um “coração humano” devesse perpassar, necessariamente, pela vivência de uma fé verdadeira. Nesse sentido, a volta à humanidade esperada pela moça que virou cobra, encontraria uma forma efetiva na entrega da personagem às nuances religiosas que formam a moral de sua sociedade. Ironicamente,

essa caminhada de reencontro com o divino será exercida, pela moça, a partir do momento em que ela se coloca na condição subalterna perante os mistérios da fé. Vendo que a profanação proferida lhe causara grandes consequências, a moça rende-se, então, aos propósitos da fé, acreditando, com a sua reconciliação com o sagrado, que reencontraria a parcela humana que havia sido destruída com o poder da palavra.

Assim, com base na análise do folheto “A moça que virou cobra” poderíamos afirmar, sumariamente, que toda a tensão do enredo narrado habita nas posições contrárias de discursos vinculados aos dois grupos existentes no romance. De um lado, o grupo humano, entendido como aquele que significa sua existência por meio da fé, irá demonstrar-se como um caminho árduo, porém indispensável; do outro, o desvio da norma implicará no nascimento de uma nova modalidade de existência: o outro, o diferente. A inexorabilidade da crença, vista como unidade que interliga os múltiplos personagens do romance, é, dessa forma, ao passo que mediador do comportamento humano, o mecanismo pelo qual a moça se definirá como diferente.

Vemos aí, talvez, no processo de metamorfose, uma possibilidade de leitura no qual a transformação da moça em cobra remete, necessariamente, para o processo social de construção do outro. A definição do diferente pelas vias da alteridade e classificação do outro, fruto do etnocentrismo, se dará pelo enaltecimento de padrões comuns ao grupo: aqueles que não se enquadrariam nessas normativas seriam considerado a margem. Num ambiente em que o místico comporta a própria significação da existência, a sua negação acarreta, com consequência, na separação da personagem deste círculo ideológico. Essa separação, não poderia se dar de outra forma, se não pelo uso do discurso. Será pela palavra proferida que veremos a moça tornar-se outra categoria de vida, aquela cujas posições ideológicas se confrontam, diretamente, com a normatividade vigente em uma sociedade popular e cristã. A transformação em cobra, dessa forma, justificaria a mudança do ser, passando da qualidade de humano à de animal, a mudança do ser em outro, no diferente.

## **Entre bem em mal: o discurso binário como afirmação de uma conduta ideal**

A partir da análise dos dois cordéis, a saber “Juvenal e o Dragão” e “A moça que virou cobra” chegamos, então, a uma conclusão final acerca das posições contrárias e binárias vistas em ambos folhetos. Ousaríamos dizer, talvez, que, apesar de ambos os folhetos trazerem uma apresentação de contrários, o que manterá a conexão de leitura comparada de ambos os cordéis não será a exposição simples de oposições, mas as significações e mecanismo de suas construções. No caso de “Juvenal e o Dragão”, por exemplo, presenciamos a ascensão de Juvenal a partir de um processo de amadurecimento vivenciado pelo personagem. Seu contrário, o Cocheiro, inicia um falso advento a partir da manipulação da verdade e do discurso. Ao contrapor esses dois perfis de construção heroica, o autor parece apontar, como mensagem final, que a moralidade, as virtudes, a honra e a coragem, em essência, são atributos conseguidos a partir de um conhecimento íntimo e contínuo de si mesmo.

Essa preparação humana, de luta cotidiana entre o ‘bem’ e o ‘mal’ será exposto, também, em “A moça que virou cobra”. Ao demonstrar, em seu enredo, uma concepção de humanidade voltada para o aprimoramento diário da fé, afirmação essa justificada pela prática da oração/reza, o folheto nos leva a considerar a existência de uma provação e penitência contínua, embasada em comportamentos norteados por valores religiosos. O cumprimento dessa rotina acaba sendo da ordem do humano. Sua negação acarretaria na manifestação animalasca.

Embora os folhetos mantenha uma relação entre si na medida em que estabelece que a formação humana se dá a partir de linhas de comportamentos específicos, eles também manterão pontos de semelhança no que concerne à apresentação e classificação das personagens relacionadas com o extremo oposto, a saber, o mal. Estas, diferentes dos perfis ligados ao bem e à religião, se construirão publicamente por meio da palavra proferida. O Cocheiro, por exemplo, ganha, por alguns anos, o título de herói devido ao fato de ele ter modificado a verdade. Por meio da construção de um discurso vil, este personagem consegue ludibriar o rei e o reino, e gozar de

benefícios que não seriam, de direito, seus.

A moça que torna-se cobra, por sua vez, apesar de não ser beneficiada pelo uso indevido da fala, firma-se como o outro a partir do momento em que profana a figura de Padre Cícero. Ao questionar, por vias do discurso, a legitimidade e santidade do ícone da igreja, a moça perde a sua humanidade e torna-se serpente.

Podemos estabelecer, assim, uma comparação macro em que duas características evidentes nos dois folhetos lidos apontam como semelhantes: 1) em ambos há uma valoração maior dos polos voltados para o bem, justo e religioso; 2) a existência e permanência do vil se dá por meio da palavra. Feito essas ressalvas, nos lançamos, então, se pensando a questão da construção do vil por meio do discurso, a um fator de aproximação entre os folhetos: a importância dada, em ambos, ao poder da fala. Encontramos, aí, a marca mais evidente da oralidade. Ora, sendo eles fruto de uma cultura popular, cujo os pilares se voltam, necessariamente, aos valores da oralidade, nada mais que natural que ver os folhetos tratarem a questão da palavra com cuidado, haja vista que o seu poder tanto pode promover uma rápida ascendência, e, também, um inevitável declínio, como pode condenar alguém a uma vida indesejada. O uso da palavra, dessa forma, se daria por causas bem fundamentadas e convictas e o ato de fala exigiria, antes, um processo contínuo de avaliação e escolha, fato esse que se justificaria a partir do silêncio evidenciado nas narrações feitas sobre a vida de Juvenal ou na constante comunicação mística e íntima iniciada pela oração/reza da mãe da moça que virou cobra.

Em meio a essas reflexões acerca pontos que aproximam os cordéis lidos, questionamos, por fim, o próprio valor didático dado às produções populares em verso: estariam, de fato, os folhetos, preocupados em difundir os valores morais e religiosos por meio de uma metodologia que tende a enfatizar as características do erro ou eles estariam, na verdade, alertando sobre as consequências do uso inadequado da fala? Eis aí uma ponderação de caráter tautológico, afinal não existe norma sem discurso e nem mudança moral sem o intermédio da palavra.

## Referências

ATHAYDE, João Martins de. Juvenal e o dragão. In SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca. **La litterature de cordel au Brèsil. Mèmoire des voix, grenier d'histories**. Paris: L'Harnattan, 1997.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. Editora Global. São Paulo, 2006. p. 21-79.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Vol 2. Editora José Olympio. Rio de Janeiro, 1986.

DAMATA, Roberto. Os caminhos para Deus in DAMATA, Roberto **O que faz o brasil Brasil?** Editora Rocco. Rio de Janeiro, 1986. p. 107-119.

GONÇALVES, Severino. A moça que virou cobra. In: **Literatura Popular em Versos, Antologia**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 249 – 253.

KUNZ, Martine. **Cordel: A voz do verso**. 2ª Edição. Ceará; Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2011.

MAIOR, Mário Souto. **João Martins de Athayde**. Ed. Hedra; São Paulo, 2000.

MOISES, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. 12ª edição. Editora Cultrix. São Paulo, 2004.

RAMOS, Francisco Régis. História de um mundo encantado in *O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Editora UNIJUI. Ijuí – RS, 1998. p. 49-94.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos. *Memória das vozes: cantoria, romanceiro & cordel*. Editora S/I. Salvador – Bahia, 2006.

Recebido em 25 de janeiro de 2024.

Aceito em 21 de março de 2024.